



Construção narrativa: o processo interpretativo diante de uma situação traumática

Maria Cecília Pereira da Silva, São Paulo*

Neste trabalho descrevo um recorte da análise de Joaquim, um menino de oito anos, que, embora cronologicamente na latência, iniciou o processo analítico num estado muito imaturo e perturbado. Procuo mostrar como a participação da analista na construção narrativa das temáticas inconscientes das sessões permitiu tanto a elaboração de uma situação traumática com uma progressiva possibilidade de representar compartilhado, quanto à reconstituição do tecido psíquico.

Descritores: construção narrativa, representação, latência, situação traumática.

* Membro Efetivo, analista de crianças e adolescentes e docente da SBPSP. Doutora em Psicologia Clínica pela PUCSP.



Neste trabalho procuro mostrar como a participação do analista na construção narrativa das temáticas inconscientes das sessões com um menino de oito anos, Joaquim, permitiu a reconstituição do tecido psíquico, esgarçado por uma situação traumática, e favoreceu seu desenvolvimento.

Joaquim, um menino bonito, sedutor e cativante, iniciou sua análise aos sete anos, encaminhado pela escola num estado muito perturbado e imaturo¹. Apresentava dificuldades pedagógicas e de comportamento: não se concentrava atrapalhando o funcionamento da sala de aula e criando confusão com os amigos; a toda hora ia para a diretoria perdendo, muitas vezes, a parte mais *legal* da atividade.

Na primeira entrevista sua mãe me contou que Joaquim era grudado nela e não a deixava sozinha. Durante o dia ligava várias vezes para o seu celular. À noite queria ir para sua cama. Relatou que ele se arriscava fazendo muitas artes: uma vez soltou o breque do carro, outra pulou a janela, provocava cachorros bravos. Desde que seus pais se separaram, ele só ia para a casa do pai contrariado. Seu pai o descreveu como uma peste: amolava muito seu irmão, dois anos mais velho, não comia, deixava cair tudo na mesa e, junto com o irmão, aprontava muito. Ao final da primeira entrevista, seus pais ainda o rotularam de impertinente, arrogante e provocador.

Joaquim tinha um único grande amigo na escola e adorava bichos. Tinha vários: cachorros, peixes, passarinhos e cavalos. Aos dois anos viveu uma situação traumática. Foi envolvido em um acidente grave em que ficara várias horas sozinho sem nenhuma pessoa de referência. Essa situação angustiou seus pais, especialmente sua mãe, que se sentiu muito culpada por não estar com ele nessa hora. Podemos pensar que a dificuldade de uma criança de dois anos para dar representação a uma experiência traumática como essa, unida ao sentimento de culpa dos pais que obstaculizava a possibilidade de continência provavelmente desencadearam em Joaquim as vivências de *brancos* ou *pretos* como ele me descreverá durante a análise².

¹ Cada vez mais vemos o período da latência invadido por angústias primitivas ligadas aos vínculos iniciais e falhas na introjeção dos objetos primários, com conflitos edípicos muito presentes ou por uma pressão pulsional ligada à puberdade e à adolescência. E a análise acaba sendo o lugar que favorece a criação de um espaço e tempo emocionais para esse momento psíquico tão importante no processo de amadurecimento.

² Acredito que essa situação traumática reedita falhas ambientais iniciais. Winnicott afirma: para o bebê que espera tempo demais por sua mãe, a única coisa real é a lacuna, ou seja, a morte ou a ausência, ou a amnésia (Winnicott, 1951), pois: "Se a mãe ficar distante mais do que x minutos, então a imago se esmaece e, justamente com ela, cessa a capacidade do bebê utilizar o símbolo da união. O bebê fica aflito, mas esta aflição é logo corrigida, pois a mãe retorna em x+y minutos. Em



Após o acidente, aparentemente, Joaquim prosseguiu bem em seu desenvolvimento. Mas sua família ficou muito aflita e falava dessa situação com todos que se relacionavam com ele. Na mente dos pais parecia que Joaquim se tornara um acidente com um menino dentro³. Na idade de alfabetização o problema aflorou e me procuraram. Joaquim sabia a história do acidente nos mínimos detalhes, mas não possuía um aparelho mental capaz de digeri-la – um trauma que explodira sua mente. Parecia-me que fazia uso dessa história ocupando um lugar de *coitadinho* e, ao mesmo tempo, provocando no outro um olhar de espanto e de admiração. O trabalho analítico foi o de permitir que nascesse um menino que sofrera um acidente.

Na escola, durante as atividades menos organizadas como música e artes, Joaquim criava confusão e depois não se lembrava do que tinha feito para provocar sua exclusão das atividades. Ele me dizia que *tinha pretos* (explosões de continente) e não se lembrava de nada. Dessa forma me falava de falhas emocionais precoces ligadas aos estados de desamparo, como o medo do colapso (Winnicott, 1963) ou terror sem nome (Bion, 1962b), que se traduziam em distúrbios do pensamento, estados de branco, de vazios, sentimentos de não existência, angústia de morte iminente.

A situação traumática era frequentemente revivida em situações de risco: caía na escola e se machucava no quintal, uma vez quebrou a perna, outra o braço. Essas situações de risco também ocorriam na sala de análise jogando bola ou outros jogos. Nesses momentos eu levava um susto e entrava num estado de alerta e de preocupação. Assim Joaquim me fazia viver sentimentos contratransferenciais muito semelhantes aos que ele havia vivido e vivia. Por outro lado, diante desses sentimentos de angústia e desamparo, esse garoto apresentava um desenvolvimento precoce de certos aspectos do ego, com uma preocupação depressiva com o objeto. Isso aparecia em seus sonhos-pesadelos em que percebia as falhas dos objetos parentais com certa crítica, como por exemplo: “– Sonhei que eu achava um cofre cheio de dinheiro e gritava: ‘Pai! Pai, achei um cofre cheio de dinheiro’ e meu pai saía correndo e me empurrava na

x+y minutos o bebê não se alterou. Em x+y+z minutos o bebê ficou traumatizado [...] o trauma implica que o bebê experimentou uma ruptura na continuidade *da vida, de modo que defesas primitivas agora se organizam contra a repetição da ansiedade impensável*” (Winnicott, 1971, p. 135).

³ Bokanowski (2005) afirma que, em função das respostas inadequadas e desqualificantes por parte do objeto que não pode nem conter, nem metabolizar, nem ligar a descarga pulsional por uma ação fantasmática, a criança se vê presa a um estado de terror e horror pela falta da capacidade de introjetar o crescimento pulsional. A intensidade do trauma provoca então um curto circuito nos mecanismos de recalçamento reforçando os mecanismos de negação e de clivagem, de identificação projetiva patológica, de fragmentação.



escada. Com a queda eu desmaiava e meu pai me acordava com uma pancada na cara e me pedia para ir com o guarda comprar cigarro.” Ele encenou o sonho com as almofadas e os bonecos da caixa e comentou: “– Um pai não deveria fazer isso com um filho, eu odeio o meu pai. Ele me manda fazer coisas que não tem nada a ver com uma criança fazer. Ele me deixa sozinho em casa com o segurança.”

Assim, ele me falava de flashes dolorosos, desproporcionais para sua capacidade egóica. Da mesma forma ele cuidava de mim. Quando estava atrasado para a sessão, Joaquim sempre me telefonava avisando e nunca deixava de arrumar a sala ao final da sessão.

Se no início Joaquim odiava seu pai e não dormia sem sua mãe por perto, aos poucos foi encontrando afinidades com ele (identificação masculina), dele se aproximando e se independizando da mãe (elaboração edípica). Após a morte do pai de seu melhor amigo, Joaquim passou a se preocupar com a saúde de seu pai. Na escola ampliou suas amizades e, com a ajuda psicopedagógica, passou a acompanhar melhor as atividades escolares, embora com alguma agitação⁴ e dificuldade de concentração.

Joaquim, que havia chegado ao período de latência com angústias primitivas e um ego frágil para lidar com as situações extrafamiliares, nesse momento, começava a viver as experiências emocionais da latência. Ele começava um processo gradual de elaboração e modificação das angústias primitivas, nele nascia um eu fortalecido que se unia ao superego estabelecendo uma trégua necessária para a adaptação dos impulsos pulsionais aos requerimentos dos objetos externos e do mundo externo. A relação com seus pais se tornava mais segura; os pais introjetados se aproximavam mais da imagem dos pais reais, suas proibições eram mais aceitas e se internalizavam. Já se observavam a repressão de seus desejos edípicos com o desenvolvimento do superego e uma maior disponibilidade para conhecer (Klein, 1952; Alvarez, 1989; Sandler, 1998; Carignani, 2000, Etchegoyen, 1993).

Durante muitas sessões montávamos álbuns de figurinhas da copa, jogávamos basquete, futebol, cancan. No início perder era o maior dos fracassos, o perdido não desaparecia, tinha uma presença. Mas aos poucos ele foi percebendo que os fracassos não eram todos iguais e foi colecionando mais experiências boas que más com o objeto, o saldo foi ficando positivo. Do meu ponto de vista, mais

⁴ Acredito que a agitação de Joaquim estava associada a sua dificuldade em integrar os estados de excitação e de tranquilidade ou relaxamento decorrentes de falhas ambientais iniciais em que não se deu a diferenciação entre eu e não eu, um ser com um interior e um exterior (Winnicott, 1990).





do que atividades repetitivas, estas eram formas de Joaquim organizar sua relação consigo mesmo e com a realidade.

Houve um período em que ele foi marceneiro e construiu barcos. Depois arquiteto e projetou casas para várias famílias. Neste cenário dramatizava histórias sangrentas de ricos e pobres, com sequestros, roubos, traições e mortes cruéis. A temática do dinheiro, com cofres com segredos e chaves também era frequente. Essas cenas dramáticas faziam parte da elaboração de seus pesadelos/situação traumática⁵ com aspectos violentos e agressivos. Penso que o elemento trágico de suas histórias emergia da falta de confiança em bons objetos, de uma carência de convicção em sua capacidade para modular a dor da revelação da verdade a um *self* ainda frágil e vulnerável (Meltzer, 1979). Joaquim buscava um objeto que soubesse a diferença entre pensamento e ação, que pudesse conter e transformar em uma metáfora seus atos violentos, intempestivos e disruptivos, seus *pretos*, sem ser violento (Alvarez, 1989).

Um dia ele desenhou um novo personagem: um cigano, uma figura nômade e de aspecto assustador. Através dele pudemos conversar sobre seus medos (angústia de castração), pois já havia uma história com algum nível de simbolização e representação de seus pesadelos e traumas.

A construção narrativa

Foi nesse período de latência, em que o analista se depara com maior dificuldade para desenvolver o trabalho interpretativo, que encontrei um caminho através da construção narrativa das sessões para me conectar com o mundo psíquico de Joaquim. Segundo Ferro (2000),

[...] a construção narrativa é a maneira pela qual o analista participa com o paciente da “construção de um significado” de forma altamente dialógica, sem grandes cesuras interpretativas. Como se analista e paciente construíssem juntos uma *pièce* teatral, e no interior dela os enredos crescem, se articulam, se desenvolvem, às vezes de formas imprevisíveis e impensáveis para os dois co-narradores, sem que exista entre eles um depositário forte de uma verdade pré-constituída. Nesta forma de proceder,

⁵ “Na impossibilidade de poder introjetar um objeto interno confiável, seguro e continente, o indivíduo é tomado por elementos persecutórios os quais ele fica desde então condenado a reintrojé-los, projetá-los, ou evacua-los para o exterior de maneira repetitiva e portanto traumática” (Bokanowski, 2005, p. 32).



a transformação co-narrativa, ou mesmo a co-narração transformativa, toma o lugar da interpretação (Ferro, 2000, p. 17-8).

O trabalho analítico com Joaquim estava estagnado. Havia uma sobreposição de vivências emocionais muito características do processo de transição próprio do período da latência. Para Carignani (2000),

A idade da latência está bem longe de ser uma idade desprovida de pressões pulsionais, de turbulências emocionais, de agitações interiores. É a forma como estes impulsos criativos se exprimem que são diferentes, e são adequadas a uma idade de transição, a um período de preparação. Se esta preparação ocorrer de maneira suficientemente organizada e elástica, o impacto com a chegada da adolescência será violento, mas tolerável; se, ao contrário, houver um excesso de organização ou um excesso de elasticidade, o jovem encontrará dificuldade em gerir a turbulência da adolescência. Os anos preciosos da latência servirão então a fornecer uma preparação adequada para acolher uma revolução física, psíquica e hormonal sem comparação, para a qual, de qualquer modo, não se poderá chegar realmente preparado, uma vez que a surpresa e a desorientação são as condições inevitáveis da explosão da adolescência (p. 12).

Por um lado, havia traços da primeira infância com o predomínio da onipotência mágica, caracterizando um estágio do desenvolvimento do ego sem a noção de perigo. Por outro lado, parecia impelido por pressões pulsionais voltadas para a adolescência, com momentos de onipotência e crença de que podia dar conta de tudo sem esforço, tendo acesso ao mundo adulto e à sexualidade.

Joaquim, muito atento ao comportamento do irmão e dos primos mais velhos, depois de um período de contato com seus fantasmas e conflitos internos, começou a trazer toda a tecnologia moderna para as sessões: I-pod, DVD portátil, celular novo. Parecia que ele havia se assustado com alguma coisa e substituído minha presença viva pelas máquinas. Ou talvez eu tenha me transformado em fator de perigo para seu narcisismo por seu sentimento de dependência e por ter me constituído como alteridade. Assim, durante algumas sessões perdi o canal com seu mundo interno, embora continuasse ali presente, com um olhar atento procurando conectá-lo.

Nesse período eu procurava manter o processo interpretativo voltado para o estabelecimento de um objeto continente (Bion, 1962a e 1962b), focando minha atenção sobre a dimensão narcísica da transferência e na manutenção de certa



continuidade psíquica, garantindo uma continência que acredito ter falhado cruelmente em sua infância precoce (Bokanowski, 2005; Ferro, 1995). O que vou apresentar é justamente o recurso técnico, um manejo que se tornou útil nos momentos em que Joaquim escapava e eu buscava resgatá-lo. Esse recurso também permitiu que pudéssemos pensar e atribuir algum sentido às suas experiências emocionais (Bion, 1962a).

Na quarta sessão da semana Joaquim chegou todo feliz porque iria ao jogo de futebol do seu time com seu melhor amigo. Ele me avisou que telefonaria para esse amigo dali a dez minutos. Enquanto esperávamos a hora do telefonema Joaquim propôs que fôssemos montando o quebra-cabeça do Batman que ele havia trazido de casa na sessão anterior. Na hora combinada telefonou para o amigo e falou com uma pessoa da casa como se fosse um adulto (exemplo de seu desenvolvimento precoce de certos aspectos do ego), articulando o programa da noite: quem iria comprar o ingresso, em que lugar do estádio, a que horas, etc. Tudo acertado, terminamos de montar o quebra-cabeça. Ao final descobrimos que faltavam duas peças. O que faríamos com os vazios? Decidimos que os preencheríamos com peças feitas de papel sulfite. Foi o que fizemos juntos. Ele ficou muito satisfeito com a possibilidade de preenchermos aqueles espaços, de *repararmos* seu jogo.

As sessões da semana tinham ocorrido com muitas oscilações e quebras de contato emocional. Parecia que havia algo desconectado, e não era a primeira vez que eu experimentava esses sentimentos contratransferenciais. Era como se essa análise tivesse vários anéis sem ligação. Aquelas peças que faltavam no quebra-cabeça também me lembravam um continente defeituoso, esburacado e logo associei com a situação traumática que Joaquim viveu. Imaginei aquelas peças como os brancos ou ocos de representação, o trauma não representável (Silva, 2003, 2007). Diante dessa experiência emocional, quase ao final da sessão, proponho-lhe uma construção narrativa daquela semana. Quem sabe assim também pudesse elaborar essa vivência que ecoava em mim e vinha se repetindo nessa análise.

Então peguei uma folha de sulfite e disse que queria lhe contar uma história. E, como em uma história em quadrinhos, comecei a desenhar a narrativa da semana. Fiz um quadradinho e disse que ele, na segunda-feira, primeira sessão da semana, tinha chegado muito triste e desapontado, porque só tinha tirado notas C no boletim, contrariando todas as suas expectativas e, em especial, as de seu pai, que não aceitaria notas baixas: “– E você estava com muito medo de seu pai. Sua tristeza era tanta que naquele dia você só quis fazer sua lição de casa comigo e mais nada. Eu fiquei ao seu lado, mas você estava todo partido por dentro”. Joaquim me

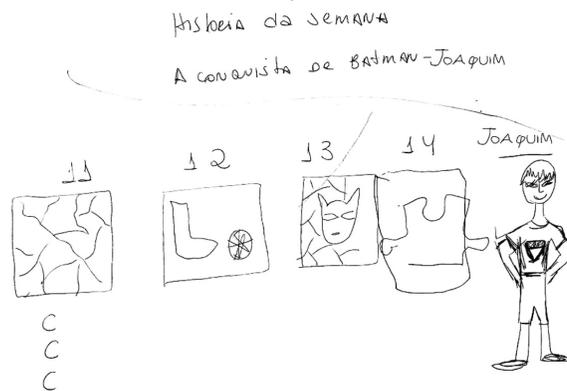


acompanhou olhando em meus olhos e vendo o que eu desenhava nesse primeiro quadradinho: várias linhas como se fosse um vidro estilhaçado.

Fiz um segundo quadrado ao lado desse e continuei a narrativa: “– Na terça-feira, nossa segunda sessão, você chegou com uma bola e no início você começou a jogá-la sozinho. Você ainda estava muito desapontado e não queria muito papo comigo. Só queria me mostrar todas as suas habilidades com a bola, você não queria me dar bola. No final da sessão você me convidou para duas brincadeiras com a bola, lembra? Então parece que aquela tristeza da segunda-feira passou para o pé na terça-feira”. E desenhava um pé com uma bola nesse quadradinho.

“– Na quarta-feira, você trouxe esse quebra-cabeça do Batman, separou as peças laterais e começamos juntos a montá-lo. Tudo o que estava desmontado começou a se juntar, você foi ficando satisfeito a cada peça que uníamos”. Desenhei o terceiro quadradinho com a máscara do Batman. Todo o tempo Joaquim me acompanhava, confirmando com o olhar o que ia dizendo.

“– E hoje, você chegou feliz com o jogo do seu time de futebol, nós terminamos de montar o quebra-cabeça e, depois de tudo montado, nós começamos a preencher o que estava faltando”. Joaquim, então, desenha o último quadradinho com a peça em branco e ao lado de tudo desenha um Joaquim com a camisa do São Paulo (seu time) e intitulei a narrativa de *A conquista de Batman Joaquim* (figura 1)

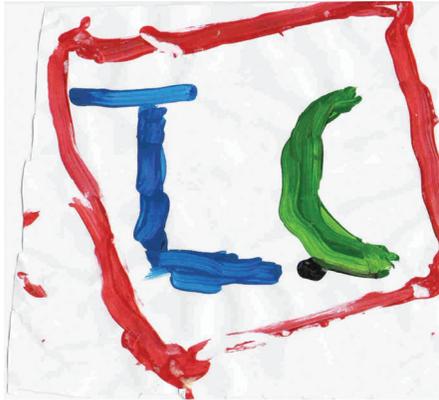


Imediatamente após o final da narrativa, Joaquim pegou uma folha de sulfite, recortou-a do tamanho do fundo da tampa da caixa do quebra-cabeça e a inseriu lá. Pegou as tintas e o pincel de sua caixa e começou a desenhar algo com a tinta azul. Pediu que eu fechasse meus olhos e me perguntou de que cor eu mais gostava. Disse azul (como ele), e ele me pediu que eu escolhesse outra cor, entre verde,





amarelo ou vermelho. Escolhi a verde. Passados alguns minutos ele me chamou para me mostrar. Fico surpresa ao ver que Joaquim havia escrito a letra J, espelhada, em azul e a letra C em verde, dentro de um quadrado vermelho, dentro da tampa da caixa, que também era quadrada. Ele me disse: “– É o J do meu nome e o C do seu, Maria Cecília”. (figura 2)



Disse-lhe que ele completou a narrativa que eu havia iniciado. Ele tinha encontrado ali comigo um lugar para construirmos uma história e, com aquele desenho, ele me contava que me sentia perto dele para essa tarefa. Com esse continente para dois, JC, Joaquim me mostrava a expressão de um *self* acompanhado de um objeto distinto dele, contido num continente, com um dentro e um fora. Ele começava a criar um interior com um conteúdo representacional compartilhado. Mas, fundamentalmente, essa intervenção permitiu que pudessemos resgatar o contato com seu mundo interno e ir tecendo um continente, estávamos reconstituindo seu tecido psíquico certamente esgarçado pela situação traumática (a do acidente e as ambientais mais primitivas).

Ao reconstruir a narrativa das sessões da semana, pudemos esboçar o sentido dos brancos ou ocos de representação, o trauma não representável, aqueles traumas decorrentes de um continente defeituoso. E, então, pudemos vê-lo esboçar a introjeção da função analítica (Silva, 1999), em que ele contava comigo diferenciada dele: éramos dois nesse continente.

Na semana seguinte, ao final da quarta sessão, Joaquim entrou em minha sala de adulto, sentou-se em minha poltrona, pegou o meu calendário e procurou o dia de seu aniversário. Depois de refletir sobre o mês em que estávamos, recolocou-o sobre minha mesinha ao lado da poltrona. Contou, muito decepcionado consigo mesmo, que não tinha ido ao jogo tão sonhado de seu time de futebol



porque brigara com seu irmão e ficara de castigo. Preocupada com a repetição de situações traumáticas, procurei entender o que se passou, mas Joaquim desconversou. Estava muito agitado, movimentando-se entre minha poltrona e o divã e observando, curioso, todos os compartimentos de minha sala. Pegou meu cartão de visitas e fez sua assinatura. Novamente estávamos os dois juntos representados num mesmo espaço. Ele me perguntou: “– Você poderia morar aqui, né?” Disse que era uma espécie de casinha. Penso que ele me falava de como se sentia acolhido emocionalmente e sinalizava para a construção de uma noção de tempo e espaço⁶.

Então voltamos para a sala de criança e Joaquim pegou em sua caixa uma folha de papel e propôs que desenhassemos a narrativa daquela semana. Recordou-se da pintura azul que fizera com as mãos na segunda-feira. Disse-lhe que tinha ficado orgulhoso com o resultado de seu trabalho, técnica que havia aprendido na escola com seu professor de artes. Ele havia se sentido muito feliz ao compartilhar essa descoberta comigo. Durante alguns minutos permaneceu reflexivo admirando essa pintura azul e desenhou-se no primeiro quadradinho pintando.

Depois, no quadradinho de terça-feira, ele me pediu para escrever o número 25. Nessa sessão Joaquim havia listado todos os animais que tinha, tivera e pretendia adquirir. Eram mais de vinte, vivos e mortos, entre cavalos, cachorros e passarinhos, e ainda pretendia comprar alguns peixinhos. Do meu ponto de vista, neste inventário ele estava integrando tudo que fazia parte de sua história, presente, passado e futuro e mostrava esperança de que era capaz de mais coisas. Com o número 25 atualizava sua lista incluindo seus novos peixinhos.

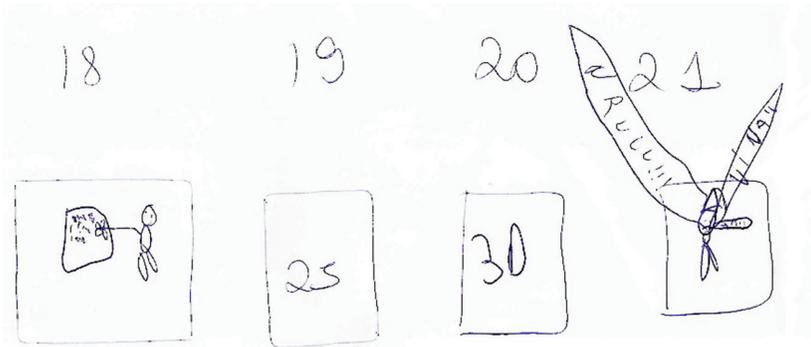
No terceiro quadradinho, ao escrever 3D, ele se lembrou da pintura que fizera, associando novamente à pessoa de seu professor de artes. Quando Joaquim fez essa pintura havia colado outra folha sobre ela, compondo um duplo e pôs seu nome. Nesta arte Joaquim também construía a noção de tempo e espaço, de existência e de self.

Logo após me mostrar, orgulhoso, seu feito de quarta-feira, colocou esta pintura em sua caixa e pegou outra folha em branco. Nesta folha fez o desenho do *Sr. Narinto* (nariz + pinto). Este era um personagem antigo conhecido nosso que continha uma caricatura da masculinidade, estimulada pela relação com seus

⁶ No decorrer da latência e com o aproximar da puberdade o tempo adquire uma nova função e a criança começa a percebê-lo de modo diferente. O tempo transforma em história as experiências da criança, possibilitando maior capacidade de conhecimento e discriminação. Para Carignani (2000, p. 6), “A latência não é só uma latência sexual, mas um período em que o impulso vital da criança (desejos, paixões, seu conhecimento, seu reconhecer-se) e sobretudo as pressões provenientes do corpo (sensações, emoções, percepções) são cada vez mais retidas no interior, na tentativa de constituição da própria identidade”.



primos mais velhos⁷. Na mesma folha fez seu retrato com o cabelo cobrindo um de seus olhos. Apontei-lhe que ele estava percebendo que era um menino com muitas coisas dentro que às vezes ficavam escondidas de seu olhar. Neste momento ele completou a narrativa, desenhando-se no quarto quadradinho e falou que era ele no dia de seu aniversário⁸. Disse-lhe: “– Nasceu Joaquim, você está feliz de estar aqui, está comemorando suas conquistas”. Em seguida escreveu: “– Viva!” e gritos de alegria. (figura 3)



Joaquim então olhou para a sequência narrativa da semana e disse que ali, comigo, ele não tinha pretos como na escola ou no dia em que brigou com seu irmão e perdeu a possibilidade de ir ao jogo de seu time de futebol. E nesse clima encerrou-se essa sessão.

Acredito que nestas, entre outras construções narrativas, Joaquim pôde encontrar um objeto para conter e transformar seus *pretos* em uma metáfora. Os elementos de realidade e fantasia se misturavam nessas narrativas, com um aspecto inventivo apoiado em dados da realidade, em uma tentativa de encontrar uma forma de conhecer e elaborar seus estados emocionais (impensáveis?) e suas experiências reais, de enfrentar suas angústias de crescimento e a busca de sua identidade. Refazendo *suas histórias* Joaquim pôde comemorar, ficou feliz de existir.

A partir dessas experiências, Joaquim começou a narrar outras histórias e, de tempos em tempos, ao final da última sessão da semana ele construía outra

⁷ Por meio desse personagem ele lidava com a ameaça de castração e fantasias sádicas.

⁸ Ferrari (1996) aponta que o que a criança nesta fase está vivendo não é uma clara vontade de busca, mas um processo de discriminação e diferenciação que a leva a ter a percepção, senão a significação do sentido de sua existência, que lança as bases para o caminho infinito da busca da própria identidade.



história em quadrinhos e enriquecíamos sua história interna, numa narrativa a dois, com conteúdos representacionais compartilhados. Como propôs Ferro (2000, p. 18), “uma co-narração transformativa, em verdadeira cooperação dialógica entre paciente e analista, enquanto filha das mentes de ambos, gerando significados novos e abertos, sem colocar à prova as partes ou os funcionamentos do paciente ainda não capazes de plena receptividade e dependência”. Este trabalho analítico, então, procurou oferecer *digestão* aos fatos não digeridos “que foram se acumulando durante o tempo, com cotas de elementos β que não se transformaram em elementos α . Isso foi possível por meio de contínuas transformações narrativas das quais é tecido o campo analítico” (*ibid*, p. 21).

Ao recorrer aos desenhos na forma de uma história em quadrinhos, propostos como um pictograma, procurei avançar na proposta de Antonino Ferro (2000) sobre narrativa. Com este paciente, que viveu uma situação traumática e falhas ambientais precoces, recorri às histórias em quadrinhos a partir do exame de minha contratransferência segundo o qual uma interpretação verbal não encontraria um nível de representação equivalente aos desenhos e histórias em quadrinhos, funcionando como as primeiras formas de simbolização – pictogramas – que precedem a representação de palavras. Espero assim ter contribuído para enriquecer o universo onírico do analista, tão necessário para sua prática.

Concluindo, gostaria de apontar que a compreensão da sintomatologia, das lacunas na constituição do psiquismo, revela-se em minha escuta analítica e se reflete em meu exercício clínico, levando-me a tomar em consideração a condição humana em sua historicidade, eventualmente com seus aspectos transgeracionais e intergeracionais (Silva, 2003, 2007). Nesse sentido a construção narrativa vai ao encontro dessa perspectiva, oferecendo ao paciente a possibilidade de confronto com a passagem do tempo, o conhecimento e a elaboração de estados emocionais de suas distintas experiências, criando espaço para brincar, pensar e sonhar. □

Abstract

The narrative construction: the interpretative process within a traumatic situation

This paper describes a fragment of Joaquim’s analysis, an eight year-old boy who, although chronologically in latence, has initiated the analytical process in a very immature and disturbed condition. My attempt is to show how the analyst’s participation in the narrative construction of unconscious themes in his sessions,



has allowed him to work through a traumatic situation with an increasing possibility of shared representation as well as the reconstruction of the psychic fabric.

Keywords: narrative construction, representation, latence, traumatic situation.

Resumen

Construcción narrativa: el proceso interpretativo ante una situación traumática

En este trabajo describo un recorte del análisis de Joaquim, un niño de ocho años, que, a pesar de estar cronologicamente en la latencia, inició el proceso analítico en un estado inmaduro y perturbado. Trato de mostrar como la participación de la analista en la construcción narrativa de las temáticas inconscientes de las sesiones permitió tanto la elaboración de una situación traumática con una progresiva posibilidad de representar lo compartido, cuanto la reconstrucción del tejido psíquico.

Palabras llave: construcción narrativa, representación, latencia, situación traumática.

Referências

- Alvarez, A. (1989). Development toward the latency period: splitting and the need to forget in borderline children. *J. Child Psychotherapy*, 15(2), 71-83.
- Bion, W. R. (1962a). *Aprendiendo de la experiencia*. México: Paidós, 1991.
- _____. (1962b). Una teoría del pensamiento. In *Volviendo a pensar*. Buenos Aires: Hormé, 1990, p. 151-64.
- Bokanowski, T. (2005). Variações do conceito de traumatismo: traumatismo, traumático, trauma. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 39(1), 27-38.
- Carignani, P. (2000). *A falsa calma da latência*. São Paulo: SBPSP, 2000.
- Etchegoyen, A. (1993). La latencia: una reconsideración. In *Libro anual de psicoanálisis*. (Vol. 9, pp. 21-32).
- Ferrari, A. (1996). *Adolescência – o segundo desafio: considerações psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2000). Narrações e interpretações. In *A psicanálise como literatura e terapia*. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1952). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In *Obras Completas de M. Klein: volume 3 – Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.



Maria Cecília Pereira da Silva

Meltzer, D. (1979). La relación del autismo con los mecanismos obsesivos en general. In D. Meltzer, et al. *Exploración del autismo: un estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós.

Sandler, E. H. (1998). *Notas sobre a análise de um menino no período da latência*. São Paulo. Apresentado na SBPSP, São Paulo (15 ago.1998).

Silva, M. C. P. (1999). Introjeção da função analítica: um esboço a partir da clínica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 33(2), 267-282.

_____. (2003). *A herança psíquica na clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP.

_____. (2007). Identificação mórbida: comunicação transgeracional traumatizante. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 14(1), 137-165.

Winnicott, D. W. (1951). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. (1963). Medo do colapso. In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Orgs.). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. (1971). *Therapeutic consultations in child psychiatry*. London: Hogarth/Institute of Psychoanalysis. New York: Basic Books.

_____. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 11/05/2012

Aceito em 13/06/2012

Revisão técnica de **Lúcia Thaler**

Maria Cecília Pereira da Silva

Rua Joaquim Antunes, 490/94

05415-001 – São Paulo – SP – Brasil

E-mail: mcpsilv@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA